O LOUVOR DO AMOR APAIXONADO
(O corpo e a afetividade nos salmos)

Marcelo Barros[1]

Na relação com o corpo e quando se trata de afetividade, a maioria de nós foi educado/a de forma repressiva e contraditória, tanto por parte das Igrejas, como da sociedade. Ainda vivendo um ambiente de cultura dualista e neoplatônica, as Igrejas desconfiam do corpo e do prazer e insistem numa doutrina moral na qual muitos cristãos não se reconhecem mais totalmente. Do outro lado, a sociedade moderna erotiza a cultura para vender mais e, ao mesmo tempo, continua uma educação repressora e pouco profunda. O fato de ter-se escolhido o tema do corpo e da afetividade para esse número da revista "Estudos Bíblicos" revela a esperança de que a Bíblia, com sua cultura semita, nos possa ajudar a superar esse dilema. Normalmente, a proposta de ética afetiva e sexual, comum em grupos cristãos abertos, é nem cair na permissividade fútil e degradante, nem na desumanidade de sofrimentos provocados por uma educação fechada. Pediram-me que abordasse o tema no livro dos Salmos.

Os Salmos são poemas de amor: amor a Deus, vivido no contexto comunitário. Nesse sentido, os salmos têm a ver com o corpo e a afetividade e nos podem mostrar como as pessoas e comunidades, revelando-se por inteiro na oração e no louvor, também se revelam afetivamente. Na cultura que gerou os salmos, as questões afetivas e a relação com o corpo eram vividas de forma totalmente diferente do que hoje conhecemos.

Quando se quer na Bíblia um livro para expressar o amor, pensa-se no Cântico dos Cânticos. Qualquer que tenha sido a origem e o uso que o povo bíblico fez dessas canções eróticas, o certo é que essa pequena jóia literária e espiritual enriquece o cânon bíblico com sentimentos de ternura, desejo de união e tensão erótico-sexual. Revela que o amor humano é profunda experiência de intimidade com Deus, cujo nome nunca é propriamente mencionado no livro[2].

O Livro dos Salmos é, por excelência, o testemunho do louvor de Israel, canto novo que, conforme algumas alusões e testemunhos, parece que no tempo pós-exílico começou a servir para as comunidades substituírem os sacrifícios do templo. Os salmos se colocam no movimento profético, através do qual o povo aprendeu que o Senhor prefere a misericórdia e o amor aos sacrifícios, o conhecimento de Deus (isto é, a intimidade) aos holocaustos (cf. Os 6, 6). Salmo significa louvor. O louvor é a primeira atitude de quem ama. Baseia-se na admiração e se expressa na ação de graças, na confiança da súplica e na esperança da promessa.

Um salmo como o 40(39) expressa esta mudança no modo de culto e renovação da aliança: "Esperei ansiosamente pelo Senhor; inclinou-se para mim e escutou meu grito. (...) Pôs-me na boca um cântico novo de louvor (salmo) a nosso Deus. (...) "Sacrifícios e oferendas não queres, me cavaste ouvidos. Não pedes holocaustos nem vítimas expiatórias. Então, eu digo: 'Aqui vim'. No texto do rolo, escreve-se de mim que hei de cumprir tua vontade: e eu o quero, Deus meu. Levo tua instrução nas entranhas" (Sl 40,2.4.7-9)[3].

Evidentemente, essa evolução dos sacrifícios de animais para o canto de louvor (salmo) não acontece repentinamente, nem é uma mudança tranqüila e oficial. Mesmo na época de Jesus, os sacerdotes continuam fazendo sacrifícios de animais no templo. Alguns estudiosos, como Joachim Jeremias, acreditam que, na época de Jesus, cantavam-se salmos no templo, mas o seu uso espalhava-se mais pelas sinagogas, onde os fiéis os aprendiam de memória e, em casa, faziam deles a substância maior da sua oração diária[4].

Talvez a primeira abordagem desse assunto (a afetividade nos salmos) seja exatamente caminhar com a Bíblia nessa evolução do culto: de ritos externos para o "culto do coração", louvor expresso nos salmos e vivido na integridade do ser, corpo, alma e espírito. Os salmos testemunham o coração de um louvor, no qual a afetividade é vivida para Deus e diante de Deus.

A Bíblia contém centenas de cânticos e poemas. É possível que os mais antigos escritos da Bíblia sejam cânticos como o de Débora (Jz 5), de Ana (1Sm 2) e outros. Quando quase tudo ainda era tradição oral, as comunidades já contavam com hinos escritos. Alguns relatos antigos são desenvolvimentos de um poema, ou histórias para justificar e explicar um poema sagrado. Mesmo nos santuários do interior, de onde vieram muitos salmos de súplica e lamentação, o grito dos lavradores pobres e das pessoas doentes e injustiçadas é, ao menos, um elemento central e importante do culto[5].

A tradição bíblica liga esses salmos mais antigos com situações de libertação comunitária ou pessoal (ver os cânticos de Míriam em Ex 15, de Débora em Jz 5, de Ana em 1Sm 2 e assim por diante). Quase todos são atribuídos a uma mulher profetisa. Só mais tarde, os salmos são atribuídos, em sua maioria, a Davi, aos levitas, aos filhos de Coré, a Salomão (Sl 72) e mesmo a Moisés (Sl 90). O livro dos Salmos foi organizado

1. Marcelo BARROS, monge beneditino, biblista e escritor. Tem 23 livros publicados, dos quais o último é "Conversando com Mateus" (Edit. Cebi-Paulus-Rede). Fax: (062) 372-1135. Email: mostanun@cultura.com.br

2. A Bíblia de Jerusalém e a Bíblia Pastoral traduzem o Ct 8,6 como "faísca de Javé". A maioria dos estudiosos e comentadores do Cântico mostram que Yah não é o nome do Senhor e a tradução mais correta é "faíscas divinas". Cf. RAVASI, G. *Cântico dos Cânticos*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1988, p. 131.

3. Tradução de SCHÖKEL, Luís Alonso – CARNITI, C. *Salmos I*. São Paulo: Ed. Paulus, 1996, p. 568.

4. JEREMIAS, J., citado por DUPONT, J. Jésus et la Prière Liturgique, in: *La Maison-Dieu*, 95, p. 22.

5. GERSTENBERGER, E. *Salmos I*. Comissão de Publicações da Faculdade de Teologia da IECLB. São Leopoldo, 1982, p. 14-15.

já pelo século IV antes da nossa era, em uma realidade na qual o templo era controlado pelos sacerdotes sadoquitas. Não aparece mais sinal da autoria feminina. Mas, a verdade é que os salmos continuam um tipo de profecia e de revelação que, em seus inícios e pelo seu tipo de inspiração, a tradição bíblica havia mostrado ser mais feminino do que masculino. Essa constatação é importante quando nos propomos a aprofundar o lugar do corpo e da afetividade nos salmos.

1. A situação histórica por trás dos salmos

Não é fácil estabelecer a realidade histórica na qual nasceu um salmo. Os salmos de lamentação referem-se a situações difíceis enfrentadas no plano individual (súplicas individuais) ou comunitário e mesmo nacional (lamentações coletivas), mas raramente o próprio salmo contém alusões claras a tal momento histórico ou a uma situação conhecida na história de Israel. Quem os estuda pode comparar a linguagem mais pós-exílica (cheia de aramaísmos) ou menos. Pode observar as referências ao templo ou ao rei. Pode verificar se eles se referem mais a conflitos internos de Israel ou a guerras com estrangeiros. Com esses dados, propõe uma hipótese sobre a época do salmo e afirma se ele é pré ou pós-exílico. Mas, sobre isso, há poucos pontos de convergência.

Uma das características dos salmos é exatamente sua "*repetibilidade*" , isto é, sua capacidade de serem repetidos e de encontrarem atualidade em diversas épocas históricas. Tomando um caso concreto, o salmo 2 surgiu provavelmente como hino para festejar a entronização de Davi ou de um dos seus descendentes como rei de Judá. Em documentos pós-exílicos e da comunidade de Qumran há alusões de que o povo rezou este salmo como messiânico, vendo na figura do rei, que o salmo proclama como filho de Deus, o Messias esperado. Nos Atos dos Apóstolos, Paulo o interpreta como profecia da ressurreição de Jesus (At 13,33) e a comunidade de Pedro o liga à paixão e ressurreição (At 4,25-28). Exatamente para poder ser repetido em cada época, o salmo que surge em condições históricas concretas e nos ensina a orar a partir da história mantém-se "aberto". Quando alude a doenças ou sofrimentos, poucos salmos narram exatamente de que se trata (no caso o Salmo 6 e 38 são mais expressivos). Quando fala em opressor, com exceção dos salmos 135 e 136 que falam em Seon, rei dos amorreus, e Og, rei de Basã, raramente se sabe exatamente de quem se trata. Um dos mais difíceis e arriscados exercícios de exegese bíblica é dar nome ao salmista original (quem e quando orou ou cantou) e dizer em que circunstâncias compôs. Isso torna mais difícil aprofundar como as pessoas ou grupos que compuseram esses hinos e as comunidades que os assumiram viveram a relação com o corpo e com a sua afetividade.

2. A sexualidade e as relações de gênero na cultura dos salmos

A sociedade israelita na qual os salmos surgiram tinha uma visão do ser humano e da vida totalmente diferente da nossa. Não podemos procurar nos salmos correspondências diretas com os problemas e perguntas de hoje.

André Chouraqui, com sua cultura judaica, reconhece: "Dois milênios e vários séculos nos separam dos autores dos Salmos. Certamente, eles não reconheceriam o mundo em que vivemos: nós, porém, não deixamos de nos reconhecer em seus cantos. O tempo não desgastou suas imagens e sua mensagem não cessa de ser atual. Sua exigência de justiça e de universalidade, sua visão da ordem criadora e do ser humano pacificado exprimirão eternamente as mais gritantes necessidades de uma humanidade que continua ainda a degustar a embriaguez cega e mortífera da taça da violência"[6].

Nesta sociedade atomizada, cada vez mais as pessoas se conectam, mas não se comunicam. A humanidade tem fome de pão, de paz e de amor. O amor, em sua expressão bíblica, é solidariedade social e efetiva, mas é também desejo (*'ahabá*), que o grego traduziu por *eros*, e nós por *desejo*, ou o mundo de questões que envolvem a afetividade e a sexualidade.

Os salmos vêm de um mundo antigo e de uma cultura distante da nossa. No mundo antigo não se conhecia a função do óvulo na reprodução. Pensava-se que toda a responsabilidade pela fecundação era do homem. O corpo da mulher seria apenas um hospedeiro do feto. Provavelmente, um salmo alude a um costume muito antigo: no início da gravidez, a mulher deitava-se com o ventre na terra nua e a mãe-terra recebia essa vida nova para formar o corpo. De modo misterioso, um ou dois meses depois, a terra devolvia o feto já com o corpo formado ao útero da mulher e assim se realizava a última parte da gravidez (cf. Sl 139,15). Essa concepção da mulher como mera hospedeira da vida legitimava mais ainda uma sociedade que já era machista por condições socio-econômicas. Isso explica muito por que, no plano da fé, a imagem bíblica preponderante de Deus é a de Criador e Pai. A mulher estava ligada à propriedade da terra e à casa. Nos primeiros tempos de Israel, parece que a mulher teve um maior protagonismo social. A Bíblia fala de mulheres como Míriam, Débora, Ana e, mais tarde, Hulda, como juízas ou profetisas. Com a monarquia, e mais ainda com o contato com os assírios e babilônios, a sociedade de Israel tornou-se mais machista.

Nos salmos, o silêncio sobre a sexualidade deve-se ao fato de que no antigo Canaã muitos cultos eram ligados à fertilidade da terra, dos rebanhos e mesmo da família. Por isso, era tão espalhado o culto do touro, símbolo da potência sexual e da fertilidade (cf. 1Rs 12, 28 e Ex 32). A sexualidade era sacralizada. Ou era prostituição sagrada, ou servia como rito agrário ou cósmico. A mulher era peça essencial desse culto, no qual o corpo dos amantes revivia o mito do casal divino. A religião cananéia adorava Baal e Asera, a deusa sua esposa. O culto impregnava toda a vida. Os lugares altos reproduziam o quarto nupcial celeste e, por meio do ato sexual, homens e mulheres atualizavam na terra a união de Baal e Asera. Era uma liturgia muito voluptuosa, contra a qual os profetas e comunidades javistas lutaram e tiveram de esforçar-se muito para superá-la[7]. Olhando essa situação com a sensibilidade atual, podemos julgar a posição dos

6. CHOURAQUI, A. *Salmos I*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1998, p. 35.

7. MICHAUD, Robert. *De l'entrée en Canaan à l'exil à Babylone*. Col. Lire la Bible, 57. Paris: Ed du Cerf, 1982, p. 76-77.

BIBLIOTECA
Frei Capuchinhos

profetas como antiecumênica e dominadora, querendo impor o culto javista. Certamente, houve elementos dessa natureza, mas a mesma sensibilidade atual deve também levar em conta a situação de exploração da mulher, objeto de violência e instrumentalização em muitos desses cultos. Por causa disso, no culto do Israel bíblico, a mulher foi, pouco a pouco, perdendo a sua função de profetisa da sensibilidade. Também isso pode explicar por que não encontramos indícios claros de uma autoria feminina nos salmos.

Até hoje, no judaísmo ortodoxo, a mulher tem a função de acender as candeias na celebração que inicia o Shabbat e é quem proclama a primeira bênção da luz. Será que no mundo antigo algum salmo estaria ligado a essa função? O salmo 113 mostra Deus abaixando-se do seu trono para ver o mais pequenino e tornando a mulher estéril mãe feliz de muitos filhos. Talvez essa imagem de mãe teria sido de autoria feminina. Depois, o salmo foi incorporado ao Halel, coleção dos salmos pascais, cantado pelos sacerdotes e levitas. A partir daí, o pequenino, citado no salmo, deixou de ser o caçula da família. A estéril não era mais a mulher do povo, tida como condenada por Deus pelo fato de não ter filhos, e sim a própria comunidade de Israel que, de esposa abandonada, torna-se mãe de uma multidão de filhos. O salmo 131 fala de Deus como uma mãe que acabou de dar de mamar à sua criança e a deixa cochilando, saciada, em seu peito. Essa imagem está ligada à profecia do 3º Isaías (Is 66,9-14). Foi o profeta que se inspirou no salmo, ou o salmo que copiou o profeta? Originalmente, essa experiência é mais feminina do que masculina e poderia se pensar que a primeira redação tenha vindo de um círculo mais feminino. Este grupo expressava-se no culto. O salmo seria, então, mais primitivo. Depois, foi retocado e atualizado na linguagem dos salmos da última (5ª) coleção do saltério e posteriormente ainda aproveitado no poema da comunidade profética.

Toda a Bíblia insiste em "desmitizar" a sexualidade, ou seja, *humanizá-la*. Ao casal divino, a revelação bíblica insiste em apresentar Deus como único e nele mostra características masculinas e femininas. Acentua que Deus é o Pai dos úteros, ou Deus da "misericórdia" (amor uterino). O Zohar, livro fundamental para a espiritualidade da Cabala judaica, ensina: "Toda figura que, ao mesmo tempo, não representa o macho e a fêmea, não é semelhante à figura celeste"[8].

A respeito dos costumes sociais ou sexuais, no saltério, há um salmo cujo título hebraico é "Poema dos amplexos" ou dos carinhos de amor: o salmo 45[9]. É um cântico para acompanhar o rei nas cerimônias do seu casamento. Uma leitura a partir de nossa época identificaria o rei, a rainha e as damas de honra. De fato, o quadro é mais complexo e os costumes da corte antiga diferentes dos nossos. O rei é polígamo. A figura feminina mais importante é a rainha, mãe do rei. Ela é encarregada dos assuntos matri-

8. ZOHAR, I; 55 B, citado por E. AMADO LEVY- VALENSI. *Les Niveaux de l'être*. Paris: P. U. F., 1962, p. 153.

9. *Iedidot* é um termo que a Bíblia herda do árabe *wada* e este salmo é o único lugar no qual é empregado. Significa o amor e suas expressões de carinho. Cf. CHOURAQUI, A. *A Bíblia – Louvores I.* Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1998, p. 239.

moniais. Ela é que está à direita do rei (cf. Sl 45,10), esperando a moça, escolhida entre as concubinas, para ser a mãe do herdeiro do trono. O poeta salienta um traço comum entre o rei e a sua pretendente: a beleza física (v. 3 e 12). Numa época na qual os monarcas casavam por interesses internacionais, ou de comércio, o salmo salienta que o rei está apaixonado (v. 12). A moça entra com suas companheiras do harém no palácio real (v. 15). Nenhuma alusão ao gozo ou ao prazer do amor e sim à sucessão real (v. 17), que de fato é o interesse da monarquia. A mística hebraica viu na figura do rei a imagem do Messias e na representação da mulher a imagem de Israel, esposa do Senhor. O salmo seria expressão de um casamento místico que os autores judaicos e cristãos explorarão mais no Cântico dos Cânticos, mas também neste salmo. Fora de uma exegese literária mais profunda e contextual, uma leitura alegórica, comum em círculos medievais, associou as conquistas militares do rei às suas proezas no harém e leu na descrição da espada e da flecha do rei símbolos fálicos e alusões a ritos sexuais. Novamente aqui, temos um exemplo de como uma sociedade que procurava libertar-se dos cultos erotizados de Baal e Asera, como também de Adônis, podia ser sóbria, mas ao mesmo tempo impregnada dessa cultura na qual estava inserida.

3. "Diante de Ti, todo o meu desejo" (Sl 38,10) (a expressão da sensibilidade humana nos salmos)

O termo hebraico *ta'awaty,* de *'awah* (desejar), aparece aqui em paralelismo com *'anhaty*: *gemido*. Por isso, alguns exegetas, embora reconhecendo que a tradução comum e literal seja *desejo,* propõem que a melhor tradução para este versículo é: "Em tua presença estão todas as minhas ânsias"[10]. No hebraico, o termo mais comum para desejo é *'ahabah* e usa-se para expressar a paixão. Diferencia-se mas se relaciona com o *hesed*, ternura, misericórdia da aliança. No grego, o termo *eros* traduz, ao mesmo tempo, desejo e amor. De fato, separar ou opor "desejo" e "amor" é cair num falso espiritualismo e provocar um dualismo artificial que não existe no real da vida.

Esse verso do salmo expressa a atitude fundamental da comunidade que ora os salmos: alimentar o desejo e a ternura da relação amorosa com o Senhor. Como oração para renovar a aliança, seria normal que os salmos apelassem para uma linguagem de tipo conjugal como expressão da relação com Deus. Entretanto, no conjunto dos salmos, quase não aparecem expressões que conotam paixão ou linguagem erótica ou de relação conjugal. Certamente, a razão é evitar confusão com os cultos cananeus de fertilidade e união sexual com a divindade. Por outro lado, na concepção bíblica da aliança, a relação com Deus respeita a autonomia humana e a alteridade divina. O encontro da aliança se dá na intimidade do amor misericordioso (*hesed*) que respeita uma distância ou alteridade entre Deus e a comunidade que ora. Os termos do amor aparecem discretamente e a relação parece mais de amizade do que de fusão conjugal. Entretanto, há uma inteireza do ser humano na oração: corpo, alma e espírito. Isso faz com que

10. SCHÖKEL-CARNITI. *Salmos I.* São Paulo: Paulus, p. 547.

nos salmos se encontrem os pensamentos do interior do crente, mas principalmente os sentimentos. Como os salmos expressam a vida da pessoa e da comunidade que ora, o que mais salta aos olhos no saltério é o conjunto dos sentimentos humanos, expressos diretamente e sem quaisquer disfarces. Às vezes, as pessoas estranham que os salmos contenham expressões de ódio, inveja, desejo de vingança, ou mesmo medo, confusão e raiva. Seja que se traduza o verso que aparece em vários salmos: "em ti estão minhas ânsias", ou "todo o meu desejo", essa é a realidade: nos salmos, o ser humano aparece em sua veracidade mais profunda e sem disfarces religiosos ou morais. Os sentimentos bons e puros, como os que parecem negativos e feios, aparecem como são, por inteiro. Ali se expressam para Deus sentimentos como admiração, afeto, amor, carinho, cobrança de proteção, decepção, gratidão, humilhação, mágoa, medo, pessimismo, ressentimento, temor e vergonha. Ali aparecem sentimentos para com os outros seres humanos: afeto, desconfiança, ciúme, compaixão, despeito, mágoa, medo, simpatia, antipatia, rancor, desejo de vingança e assim por diante.

O corpóreo serve como expressão de gestos litúrgicos: "ergo o olhar", "levanto as mãos", "curvo a cabeça", "prostro-me", "corro", "derramo lágrimas" e assim por diante. Mas, além de expressão litúrgica, nos salmos, o corpo aparece como manifestação do mais íntimo. Por exemplo, "todo o meu corpo treme de medo", ou "meus intestinos se retorcem" não são expressões litúrgicas ou rituais. É simplesmente que a comunidade ou pessoa orante se põe inteira no louvor, na súplica e na esperança, as três notas maiores nas quais se passa a sinfonia sálmica.

4. Da realidade atual para os salmos da Bíblia (sem querer concluir nada)

A espiritualidade judaica e a cristã assumiram os salmos como orações através das quais as pessoas se renovam na comunhão com o povo da aliança e mergulham mais profundamente na intimidade com Deus. Os salmos revelam a vida e os sentimentos do orante na sua inteireza nua e crua. Buscam, assim, unificar o coração do ser humano para uni-lo a Deus. "Unifica o meu coração para que ele estremeça (vibre?) diante do teu nome" (Sl 86,11).

Hoje, um longo e penoso caminho de unificação interior é a conquista de alguma estabilidade afetiva. Na Bíblia e nos salmos, Deus não pede a ninguém que renuncie a seu amor ou a suas paixões. O que se propõe é que se ordenem estes sentimentos de modo que o amor de Deus seja fonte e princípio de nossos amores. Assim como ajudou outras gerações nessa aventura arriscada e difícil, a oração dos salmos pode ser de preciosa ajuda. Para isso, seria importante conseguirmos uma versão que não traduza apenas os termos hebraicos, mas os transponha para a realidade de nossa vida e assim possibilite nos sentir melhor, hoje, orando estas preces do povo de Deus.

O caminho afetivo de cada um é lento e não se realiza linearmente. Por isso, é importante confiar que Deus aceita a nossa fragilidade e está conosco mesmo em nossas ambigüidades e nas nossas divisões interiores e afetivas. O importante é que não desanimemos da busca de sua face e nos sintamos suficientemente confiantes para orar os salmos mesmo quando não compreendemos nem a nós mesmos. Faz parte do caminho da fé aceitar a realidade interior e afetiva como ela é e cada dia retomar o caminho da conversão a partir de onde estamos realmente.

Lendo os salmos, vemos como neles as pessoas puderam se colocar diante de Deus como eram e como se sentiam, com seus sentimentos ambíguos, puros ou não, santos ou pecadores, de misericórdia ou de crueldade. Deus os acolheu e os santificou a partir da realidade que eles viviam e entregaram nas mãos do Senhor. Isso que os salmos mostram no plano da realidade social, podemos também nós viver no nível do afetivo e íntimo.

"É preciso cantar os salmos na noite dos nossos exílios (das nossas solidões e nossas decepções afetivas e efetivas). Assim, poderemos compreender todas as forças libertadoras dessa oração. Assim, experimentaremos como o salmo pode assumir o ser humano e elevá-lo. (...) Noites do mundo e noites do espírito. A alma se entrega à salmodia, identifica-se à humanidade única que no salmo geme e sofre, que é assaltada pela iniqüidade e que sangra, que é mortificada, mas que não cessa de cantar na extraordinária certeza que a inunda. (...) Lentamente, nossa alma se compenetra e se alimenta da alma do cantor (ou cantora) de Israel, o brilho que o agita nos traspassa, a luz que ele pede nos deslumbra, transfigura nossas trevas em inefável alegria. Uma voz nos habita e nos encanta: ela nos arranca de nossos limites, nos faz atravessar o muro de nossas prisões (e de nossas paixões), nos une aos esplendores subitamente mais próximos de nós do que nós mesmos: um rosto nos ilumina, uma presença nos fecunda e, no caminho do verdadeiro conhecimento, um canto nos conduz à extremidade da noite, em tua luz, Jerusalém..."[11]

Marcelo Barros
Mosteiro da Anunciação
Caixa Postal 05
76600-000 Goiás, GO
Tel.: (0xx62) 372 1135
E-mail: mostanun@cultura.com.br

Prov. do Paraná e Sta Catarina
BIBLIOTECA CENTRAL
FREIS CAPUCHINHOS

11. CHOURAQUI, A. *Salmos I, op. cit.*, p. 35-36. A parte entre parênteses não é de Chouraqui. É comentário meu, ligando suas palavras com o nosso tema.